

Formação Docente para a Educação das Relações Étnico-Raciais

Teacher Training for Education of Ethnic-Racial Relations

Edmara da Silva Soares Costa

Valéria da Silva Lima

Eduardo dos Santos de Oliveira Braga

Resumo: O presente trabalho visa contribuir para a valorização da temática africana e afro-brasileira na docência dos anos iniciais do Ensino Fundamental, como forma de reparação histórico-cultural para uma educação crítico-reflexiva. As Leis 9.394/1996, 10.639/2003 e 11.645/2008 formaram nosso amparo legal para a garantia e obrigatoriedade no currículo escolar da temática estudada. Alguns artigos de Nilma Lino Gomes também foram estudados. A história infanto-juvenil "Nyelete e o embondeiro" de Mário Lemos, que está no livro "A semente que veio da África" (LIMA, 2005) foi um dos caminhos metodológicos que utilizamos para apresentar algumas possibilidades para a efetivação da contribuição africana na docência dos anos iniciais. A valorização e inclusão da cultura africana e afro-brasileira nas práticas docentes dos anos iniciais devem ser contínuas, democráticas e reflexivas para resistência e luta contra o racismo.

Palavras-chave: História africana e afro-brasileira. Reflexão crítica. Transformação. Anos Iniciais.

Abstract. The present work aims to contribute to the valorization of the African and Afro-Brazilian theme in the teaching of the initial years of elementary school, as a form of historical-cultural reparation for a critical-reflexive education. Laws 9.394/1996, 10.639/2003 and 11.645/2008 formed our legal support for the guarantee and obligation in the school curriculum of the theme studied. Some articles by Nilma Lino Gomes have also been studied. Mário Lemos's children's story "Nyelete and the Embondeiro", which is in the book "The seed that came from Africa" (LIMA, 2005) was one of the methodological paths we used to present some possibilities for the realization of the African contribution in the teaching of the early years. The valorization and inclusion of African and Afro-Brazilian culture in the teaching practices of the early years must be continuous, democratic and reflective for resistance and fight against racism.

Keywords: African and Afro-Brazilian history. Critical reflection. Transformation. Early Years.

Introdução

A condição dos negros no contexto escolar precisa ser objeto de profunda reflexão. Foi em busca de caminhos para a afirmação de grupos socialmente subalternizados que nos debruçamos sobre a docência no Ensino



Fundamental, visando valorizar a temática afro-brasileira nas práticas de ensino.

Em nossas vivências como estudantes e profissionais da educação, percebemos que a temática étnico-racial nos anos iniciais, do Ensino Fundamental, ainda é trabalhada de forma pontual. No currículo fica restrito o estudo da Abolição da Escravatura e no calendário escolar, como o Dia da Consciência Negra. Notamos que muitos docentes, seja por despreparo ou por conservação de suas práticas, desconsideram a necessidade de incluir em seus programas de trabalhos as questões étnico-raciais durante todo o ano letivo, contribuindo para a valorização de todas as etnias.

Diante disso, este artigo tem o objetivo de contribuir para rotinização da temática étnico-racial nos fazeres docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. De forma específica, visamos contribuir para a articulação entre ensino-aprendizagem de forma crítica e reflexiva, apresentando estratégias criativas e inovadoras com potencial para renovação das práticas docentes. Para tanto, tomaremos como operador metodológico o uso da literatura infantil e ou infanto-juvenil visando contribuir para que os postulados da legislação educacional brasileira sejam efetivamente incorporados no cotidiano escolar. O trabalho justifica-se, portanto, pela necessidade de fazer cumprir a obrigatoriedade da Lei nº 9.394/1996, alterada pelas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008.

A pesquisa que ora apresentamos partiu da seguinte indagação: é possível trabalhar a temática étnico-racial na Educação Básica - nomeadamente, nos anos iniciais do Ensino Fundamental - de forma crítica e reflexiva? Com relação às escolhas metodológicas, realizamos levantamento bibliográfico e análise, em perspectiva qualitativa, das referidas Leis. Sustentamos nossos argumentos nas abordagens de Nilma Lino Gomes e de Paulo Freire, especificamente no livro *Pedagogia da Autonomia* (2020), em que o autor discute a autonomia do fazer docente cotidiano. Sobre a inserção da cultura africana e afro-brasileira no currículo dos anos iniciais do Ensino Fundamental, analisamos o livro de literatura infanto-juvenil *A semente que*



veio da África, organizado por Heloísa Pires Lima, que conta com textos dela e de Georges Gneka, Mário Lemos e ilustrações de Véronique Tadjó.

Reforçamos a relevância e o reconhecimento da cultura africana e afrodescendente que busca valorizar os sentimentos positivos sobre o negro, dando um novo direcionamento histórico sobre a ressignificação da sua identidade, valorizando as diversas histórias. (GOMES, 2003)

Dividimos o trabalho em duas seções. A primeira apresentamos o amparo legal da temática africana e afro-brasileira, obrigatoriedade e a importância da implementação na Educação Básica. A segunda abordará a metodologia da pesquisa, além de algumas sugestões criativas e inovadoras a partir da leitura e análise do livro *A Semente que veio da África*, em especial, do conto *Nyelete e o embondeiro*.

Referencial Teórico

O povo brasileiro foi constituído por diversas etnias. O encontro de civilizações, culturas e sociedades no que veio a se tornar o Estado nacional brasileiro resultou em processos sociais que ocultaram essa diversidade sociocultural, promovendo um discurso sobre a sociedade nacional que subalternizava uma parcela da população brasileira: os negros – categoria que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é formada por pretos e pardos.

Além da invisibilidade da cultura afro-brasileira, as opressões sociais como a escravidão, abuso físico, sexual, moral e psicológico marcaram as relações étnico-raciais ao longo da história brasileira e, atualmente, são atualizadas em práticas discriminatórias, ofensas proferidas pública e veladamente contra os negros com novas formas de violência. Compreendemos que o racismo estrutural é uma das formas que limita a cidadania dos negros na comunidade brasileira.

Muito embora uma parcela da população brasileira não admita que no país haja discriminação racial, pode-se afirmar com bastante propriedade, a partir de dados empíricos, que o racismo é um dos problemas sociais que mais assola a nação. Quando analisamos a formação escolar dos indivíduos e os



seus aprendizados, ainda em fase inicial na escola, fica patente o racismo estrutural. São os estudantes negros os mais vulneráveis do ponto de vista da repetência, da evasão e do aproveitamento escolar. Olhando em outra direção, ao analisarmos uma obra didática, mesmo que superficialmente, fica patente que os negros são apresentados e percebidos como populações sequestradas, escravizadas e marginalizadas. Além disso, a abordagem histórica sugere a indistinção das identidades dos povos transplantados para o Brasil, tratados como “os africanos” e uma África como a pátria comum a todos, sem reinos, tribos, Estados ou nações.

De contra partida por inúmeras décadas, a única história a ser contada nas escolas era a do branco superior, sagaz, maravilhosamente forte, aquele que conseguiu enriquecer e apoderar-se aqui as custas da escravidão animalizadora do negro e do extermínio de inúmeras etnias indígenas. (FREIRE,2000,p. 5)

Paulo Freire (2020) em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, afirmou que ensinar exige do educador rigorosidade metódica, respeito aos saberes dos educandos, pesquisa, criticidade, estética e ética, corporificação das palavras, reconhecimento e a assunção da identidade cultural. Tomando a perspectiva da pedagogia freiriana, para trabalhar com questões étnico-raciais o docente necessita desses elementos para que o ensino faça sentido e tenha significados duradouros na vida dos educandos.

Amparo legal

Buscando orientar os educadores comprometidos com a cidadania, podemos nos apoiar, primeiramente na Constituição Federal de 1988 que em seu artigo quinto versa sobre os direitos e garantias fundamentais aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, e à igualdade [...]” (SILVA, 1999).

Em 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) - Lei nº 9.394/96 – foi sancionada. A nova legislação não conferia obrigatoriedade ao ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica, mas seu artigo 26-A foi posteriormente alterado através da



Lei nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003, tornando esse conteúdo obrigatório, em especial nas áreas de Literatura, História Brasileira e Educação Artística. Em seu artigo 79-B, a LDBEN trata da inclusão do dia 20 de novembro no calendário nacional como Dia da Consciência Negra. Logo, infere-se que nos anos iniciais do Ensino Fundamental a Literatura deve ser operada contribuindo para que a Lei seja devidamente cumprida ao longo de todo ano letivo, não somente em datas comemorativas, como o dia 20 de novembro, ainda que essa data efeméride tenha sido demarcada no mesmo documento legal.

Isso leva a compreender que com a implantação da Lei 10.639/03 fica evidente que a formação dos professores se torna necessária para tais desafios, sendo um dever dos educadores conduzir para o ambiente de sala de aula o trabalho com a temática africana e afro-brasileira.

No dia 10 de março de 2008 foi homologada a Lei nº 11.645 que ampliou a Lei nº 10.639/03, alterando, mais uma vez a LDBN 9.394/96 ao incluir a obrigatoriedade da história e cultura indígena em todas as etapas formativas. Salientamos a importância do trabalho com a temática indígena, porém, não será o nosso foco de estudo neste trabalho.

Visando o multiculturalismo, o educador possui amparo perante a lei, para refutar o monoculturalismo presente na educação brasileira, que valoriza a cultura eurocêntrica em detrimento das culturas indígenas e africanas como partes constitutivas do nacional (GOMES, 2003).

Segundo Silva (2000) multiculturalismo é um movimento que propõe um currículo que incorpora as tradições culturais dos diferentes grupos sociais que participam de uma comunidade política. Nesse sentido, contempla reivindicações relacionadas às questões de gênero, étnico-raciais e culturais.

A escola é uma instituição socializadora fundamental e, por suas práticas, pode se tornar um veículo de manutenção dos valores das classes opressoras ou contribuir para a transformação na direção de uma sociedade igualitária e justa. Isso significa que há margem para a mudança. Paulo Freire (2020) nos alertou para a necessidade de assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização dos indivíduos. O autor afirmava que:



Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam negros, dos que inferiorizam as mulheres.... (FREIRE, 2020.p.37)

Até o presente, a formação escolar está estruturada sem levar em conta o alunado afro-brasileiro, que não é mirado pelo currículo, manuais e programas que insistem na abordagem curricular eurocentrada. (GONÇALVES, 1999). Dito de outro modo, a escola não tem se caracterizado como instituição de transformação social, mas vem contribuindo para a conservação do *status quo*, ao permanecer vinculada a um currículo monocultural, sobretudo no que concerne ao ensino de história e linguagens.

Daí a importância do fortalecimento da consciência entre os docentes da obrigatoriedade (legal) e da urgência (social) de se trabalhar articuladamente com as contribuições das matrizes indígenas, europeias e africanas na formação da cultura e sociedade brasileira.

É interessante ressaltar que a obrigatoriedade de se abarcar o assunto no currículo é algo recente, e como tudo que se inicia, existe a necessidade de um período de reflexão crítica para se alcançar o objetivo proposto pela lei, daí a contribuição para a construção desse conhecimento coletivo sobre a questão.

A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, na escola tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las. (GOMES, 2003, p.5).

Segundo afirma José Ribamar Freire (2000), os europeus dominaram política e militarmente os demais povos. A tendência do brasileiro hoje é se identificar apenas com o vencedor, ou seja, a matriz europeia, ignorando as culturas africanas e indígenas. Uma parte da sociedade é concebida como se fosse o todo.

Gomes (2003) afirma que a escola tem um papel fundamental na construção de identidade Negra positiva. A educação escolar, através de suas



práticas difusas no cotidiano e práticas curriculares precisa promover a ruptura com a visão consolidada desde as etapas escolares iniciais de que o negro, para ser aceito socialmente, precisa negar-se a si mesmo (negar sua identidade, suas raízes) – e promover a reparação histórica.

Metodologia de Pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, focada em análise das obras de Nilma Lino Gomes e Paulo Freire, que nos deram entendimento acerca do impacto social que as Leis nº 9.394/96, 10.639/03 e 11.645/08 visam causar nas práticas educativas, quando estabeleceram os marcos do ensino de cultura e história afro-brasileira.

Realizamos a leitura do Livro Infanto-juvenil *A semente que veio da África* (LIMA, GNEKA, LEMOS, 2005) para compreendermos como a literatura infantil e infanto-juvenil pode ser um elemento de inclusão da temática africana e afro-brasileira na docência dos anos iniciais.

A semente que veio da África: leitura literária, criatividade e breves análises para a ação docente

Este livro foi escolhido por percebermos, após indicação de uma leitora, que o material pode ser um aliado nas práticas de inclusão étnico-racial na docência dos anos iniciais. A leitura do livro dialoga com os pensamentos de Nilma Lino Gomes (2003) e Paulo Freire na *Pedagogia da Autonomia* (2020) pois os autores abordam a temática de maneira comprometida com a visão de uma educação voltada para a construção de uma sociedade igualitária, em que os alunos são considerados sujeitos históricos na construção do conhecimento. Ainda fazem um alerta aos educadores como a instituição escolar tem se prestado ao papel de manutenção desse sistema opressor que valoriza a cultura do branco em detrimento da cultura indígena e africana brasileira.

A semente que veio da África é uma coletânea que reúne os seguintes textos: “Você já colheu uma história?” e “As sementinhas de gigantes” de autoria de Heloisa Pires Lima; “A árvore de cabeça para baixo” e “O baobá e eu” de Georges Gneka; “Nyelete e o embondeiro” e “O embondeiro, o



njingiritane e eu” de Mário Lemos; por último, “A mesma árvore e seus muitos nomes”, de Heloisa Pires Lima. Importante ressaltar que Georges Gneka é natural da Costa do Marfim e Mário Lemos de Moçambique, a organizadora Heloisa Pires Lima é brasileira e trabalha com a temática das africanidades aproximando a história da África ao Brasil, por meio da literatura.

O livro tem uma proposta que permite tomar contato com palavras de origem africana e conhecer a culinária de várias regiões da África. Pode-se trabalhar a diversidade através das narrativas contidas e aspectos geográficos do continente africano. O livro é bastante versátil e oferece uma riqueza de conteúdos para narração ou contação de histórias e mediação literária. O livro fala da árvore chamada em alguns lugares africanos como baobá ou embondeiro e que no Brasil é conhecida como barriguda. A *Adansônia digitat* pode alcançar 45 metros de largura e cerca de 3 metros de altura - podendo viver mais de seis mil anos - simboliza o povo africano, dentro da proposta de resgate da identidade afro-brasileira, possibilitando a realização de trabalhos pedagógicos com as crianças de forma reflexiva e crítica, por meio das suas histórias (LIMA, GNEKA, LEMOS, 2005).

Como exemplo, pode-se citar a história “A árvore de cabeça para baixo”¹ do autor moçambicano Georges Gneka; que explora a ideia de diversidade, prevenção ao *bullying* e sobre o valor dos vínculos sociais expressos através da gratidão. Essa história pode ser utilizada como roteiro de uma peça teatral, como tema de um debate mediado pelo educador sobre a diversidade, pode ser trabalhada como tema de um trabalho de artes, estimulando a imaginação do aluno, como tema de redação ao questionamento: o que você faria se tivesse um embondeiro ou baobá em seu quintal?

¹ Trata-se de um reconto de um mito da criação do mundo em que o senhor Criador fez surgir tudo no mundo. Sua primeira criação foi o baobá que vivia perto de um charco, em uma região alagadiça, que parecia um espelho. O baobá se olhava e ficava insatisfeito em comparação às outras criações. Dessa forma, o Criador sai para fazer suas obras e o baobá anda por toda África reclamando e implorando ao Criador, melhorias daqui e dali. Nessas andanças, o baobá lança suas sementes em todo Continente, por essa razão podemos encontra-lo em toda África. O Senhor Criador fica irritado com as lamúrias do baobá e arranca-o do chão, replantando-o novamente de cabeça para baixo. Isso explica a aparência estranha do baobá, parece uma árvore de ponta cabeça. Até hoje dizem que seus galhos vivem implorando melhorias ao Senhor Criador. (LIMA, 2005).



O livro é rico em diversos conhecimentos e pode ser aproveitado em sala de aula de maneira criativa e dinâmica. Ele ajuda a quebrar vários estereótipos preconceituosos, valorizando a história da África, dos africanos e afro-brasileiros. Ele é repleto de palavras do vocabulário africano o qual se torna uma fonte de pesquisa científica. Cada história, nele contida, pode ser trabalhada de maneira a resgatar a identidade africana e afro-brasileira.

“Nyelete e o embondeiro”²: uma Karingana ua Karingana² de Moçambique

“A sabedoria é como o tronco de um embondeiro. Uma pessoa sozinha não consegue abraçá-la”. Mário Lemos

Nyelete e o embondeiro é uma história de Mário Lemos, autor moçambicano que apresenta uma menina que descobre o significado de seu nome. Em suas férias, seus pais a enviam para casa de seus avós, no campo. Quando seu avô Malinda vai buscá-la no ponto dos machimbombos³, ela caminha e contempla um rio de água branquinha, animais da flora local, como girafas, elefantes, flamingos, hipopótamos, zebras, cabritos e gazelas. (LIMA; GNEKA; LEMOS, 2005).

O contentamento do avô de Nyelete era tão grande que ele colheu várias frutas da estação do pomar e deixou os braços de Nyelete carregadinho de todas as qualidades frutíferas. À medida que aproximavam da terra Natal de seus pais, Nyelete esperava, ansiosamente, o anoitecer, a fim de descobrir o significado de seu nome, como seus pais haviam dito. (LIMA, GNEKA, LEMOS, 2005).

A noite chegou e Nyelete inquieta, perguntou ao seu avô se a lua não passava naquele pedaço de mundo. Seu avô lhe respondeu que aquele dia se tratava de Eclipse de embondeiro. O avô explicou que neste dia o embondeiro crescia tanto que tampava a lua, nasciam flores branquinhas que enfeitavam a árvore por apenas uma noite e, no outro dia, as flores voavam alto para o céu para iluminá-lo com a lua (op. cit).

² ‘Karingana ua Karingana é como se chamam as fábulas no Sul de Moçambique. (LIMA, 2005).

³ Machimbombos- ônibus



Assim dizendo, o avô de Nyelete apontou para uma estrela. Dessa forma, Nyelete descobriu o significado de seu nome, apaixonando-se pela terra de seus ancestrais e afirmando consigo mesma que seus pais não conseguiram descrever o quanto aquele pedaço de mundo era lindo e encantador.

O amor pelo local onde seus pais nasceram despertou em Nyelete um sentimento insaciável de conhecer o dialeto africano até então desconhecido por ela. Ela ficou encantada com tudo que seu avô Malinda lhe contou sobre o baobá e tudo que o cerca. Nyelete teve acesso a uma série de conhecimentos, envolvendo seus ancestrais e suas crenças antigas, por meio de histórias contadas por seu avô, sendo o eclipse de embondeiro uma delas. Assim, ela também descobre o amor de seu povo pelo embondeiro.

Na história de Nyelete e o embondeiro, de maneira lúdica, dinâmica e carinhosa, a criança afro-brasileira pode se sentir representada com o texto. E essa é uma das muitas histórias contidas neste livro que pode contribuir para a afirmação da identidade negra a partir da história e identificação de Nyelete. Ao descobrir o significado de seu nome, Nyelete identifica-se como pertencente a um grupo social.

Pode-se trabalhar a contação de história, posteriormente uma dramatização, conteúdo de lendas e fábulas, a identidade, a autonomia, a busca do significado do nome, a fauna e a geografia africana, bem como seus costumes e dialetos, uma pesquisa científica sobre o baobá e seus benefícios contidas no próprio livro como: as propriedades medicinais, terapêuticas, alimentação, acolhimento, além do reconhecimento mitológico, histórico, religioso, cultural e hídrico da árvore.

Resultados e Discussão

A inclusão no currículo oficial da história da África, dos africanos, afro-brasileiros e indígenas outorgados pela Lei 11.645 de 2008, conduziu a educação para a diversidade cultural de uma maneira nova e desafiadora. Nova no sentido de ser uma obrigatoriedade recente que requer formação dos professores. Para a ação desafiadora, requerer uma atitude pesquisadora por



parte do educador comprometido com a construção de uma sociedade brasileira mais justa e inclusiva.

Tanto Nilma Lino Gomes como Paulo Freire abordam a necessidade da reflexão crítica sobre a visão eurocêntrica, bem como a forma como o povo negro é retratado no ensino nacional, sem ser considerada a cultura, religião, contribuições e costumes desses povos. Retratando, na maioria das vezes, um dos maiores crimes da história: a escravidão.

Tal realidade cria uma grande problemática de natureza social nas escolas brasileiras, o racismo é plantado e começa a se desenvolver tendo como base a ignorância e a ausência estrutural de empatia com as questões raciais. Isso porque, os alunos negros, nesse contexto, são expostos a situações de discriminação, humilhação e redução da sua existência como humanos, tendo a história do seu povo reduzida à violência, sangue e abusos físicos e velados.

Mesmo que tenham sido consideráveis os avanços da legislação brasileira em oposição ao racismo, ainda há muito caminho a ser percorrido. Principalmente no que diz respeito à escola e o sistema de Ensino Nacional, havendo a necessidade de uma reformulação na abordagem dos conteúdos relacionados à cultura afro-brasileira.

O livro “A semente que veio da África” organizado por Heloísa Pires Lima pode ser um elemento didático enriquecedor no currículo escolar, que poderá ser usado de várias formas em sala de aula. Ele pode ser utilizado como fonte de leitura, pesquisa de vocabulário africano, alguns de seus dialetos podem ser estudados, as histórias podem ser contadas e as regras do jogo *awalé*⁴ ser aprendidas para brincadeiras com as sementes do embondeiro. Sinalizamos que o jogo é baseado na generosidade, e, para ganhar, o jogador precisa saber doar ao seu adversário. (LIMA, GNEKA, LEMOS, 2005).

Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e a identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira

⁴ Jogo africano baseado na redistribuição contínua das sementes, repetindo os ciclos da natureza < cultivo do solo e as colheitas que seguem o ritmo das estações. (LIMA, 2005)



inautêntico, palavreado, vazio e inoperante.
(FREIRE,2020,p.61)

Percebe-se, através de uma reflexão crítica, que o professor, como agente de transformação, pode contribuir para a construção de um conhecimento enriquecedor e significativo com os discentes para o reconhecimento de sujeitos históricos.

107

É notório que o desafio é grande, visto que para se atingir tal objetivo o professor precisa ser pesquisador e mediador nesse processo de construção de conhecimento, mas o resultado se refletirá em uma sociedade mais igualitária e justa. Percebemos que a temática étnico-racial exerce extrema relevância para a formação de cidadania plena do aluno, pois permeia no campo da diversidade cultural, pluralidade e multiculturalismo.

Embora existam políticas públicas voltadas para o trabalho dessa temática em sala de aula, o acervo de literatura que trata as questões afro-brasileiras, ainda é muito limitado no que tange a quantidade. Ao realizarmos uma pesquisa do número de livros tratando dessa temática na biblioteca de uma escola municipal de Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro, percebemos somente cinco exemplares no meio de centro e trinta e cinco livros do acervo escolar.

Observamos que, além da formação docente, ainda faltam políticas públicas que incentivem a organização e seleção do acervo escolar para a dinamização do trabalho com os livros literários.

Foram muitos desafios encontrados no percurso da pesquisa, porém não deixamos de contar histórias, em especial, as que valorizam a questão-étnico racial.

A semente que veio da África, com seus diversos contos, são referências para a dinamização literária na docência dos anos iniciais. Sugerimos a leitura, apropriação e contação de histórias a partir desse livro, que tem sido um apoio para nosso trabalho cotidiano de inclusão social.

Considerações finais



O trabalho com as questões étnico-raciais está chancelado por leis nacionais, porém é preciso investimento na formação docente para a criticidade reflexiva contra o racismo estrutural.

O educador precisa compreender, por meio da reflexão crítica, o quanto a sua prática em sala de aula e postura educativa pode contribuir para construção de um conhecimento enriquecedor e significativo para seus educandos, no que diz respeito à temática africana e afro-brasileira.

Em um mundo atual tomado pela globalização perversa, é imprescindível discutir a heterogeneidade, o respeito à diversidade, bem como a valorização de todas as matrizes que compõe o povo brasileiro, tão único e peculiar em toda sua composição. Construir em nossos alunos esse sentimento de pertencimento e valorização étnico-racial faz parte da política que visa reparar, equalizar e incluir povos que foram excluídos da história brasileira.

Compreendemos que o presente trabalho despertou-nos reflexões para a militância em torno da justiça social, da investida na docência como um caminho para mudança e luta contra o racismo.

Dessa forma, percebemos que o desafio é grande e árduo, mas a recompensa será ainda maior, se prezarmos pela dignidade humana e justiça social. Esperamos alcançar docentes e que este trabalho contribua para que a história da África, dos africanos e afro-brasileiros sejam contadas, recontadas e compartilhadas nas salas de aula dos anos iniciais. Tendo em vista a inclusão social e a valorização étnico-racial humanizadora.

Referências

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: Jan/2020

BRASIL. **Lei de nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: Jan/2020

BRASIL. **Lei de nº11.645 de 10 de março de 2008**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em: Jan/2020



CANEN, A.; MOREIRA, A. F. B. **Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente.** In: _____ (Orgs.) Ênfases e omissões no currículo. São Paulo: Papirus, 2001. p.15-44

FREIRE. J.R. Bessa. **Cinco idéias equivocadas sobre o índio.** In Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH). Nº 01 – setembro 2000. P.17-33. REVISTA ENSAIOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO – 2016.2 / VOL. 0

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia Saberes** Necessários à Prática Educativa.62ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra,2020.

FREIRE. J.R. Bessa. **Cinco idéias equivocadas sobre o índio.** In Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH). Nº 01 – setembro 2000.

GOMES. N. L. **Educação, identidade negra e formação de professores.: Um olhar sobre o corpo negro e cabelo crespo.** P.167. 2003.

GONÇALVES, L. A O. **Diversidade e Multiculturalismo.** Palestra. UFF/1997. mimeo

LIMA, H. P.;GNEKA,G.;LEMOS,M. **A semente que veio da África.**25° Ed.São Paulo,Salamandra,2005

Sobre os Autores

Edmara da Silva Soares Costa

edmaramaefeliz@gmail.com

Concluindo do curso de Pedagogia da UNIRIO.

Valéria da Silva Lima

valeriaslima8910@yahoo.com.br

Doutoranda (2019) e Mestre em Ensino de Ciências pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (2016), Especialista em Deficiência Auditiva/Surdez pela Unirio (2015), Especialista em Contação de Histórias no Imaginário Social pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro(2014) e Pedagoga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010). Atualmente, atua como professora e Orientadora Pedagógica da Prefeitura Municipal de Barra Mansa, contadora de histórias e mediadora presencial do consórcio Cederj (UNIRIO). Tem experiência na área de formação de professores para a Educação Básica e Mediação Docente no Ensino Superior na modalidade EAD.

Eduardo dos Santos de Oliveira Braga

obedurardobraga@hotmail.com



Professor de Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, formado em licenciatura em matemática pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); Especializado em Ensino de Matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Especializado em Novas Tecnologias para o Ensino de Matemática pela Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ); Mestre em Matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Cursando Doutorado em Ensino de Ciências pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ); Participante do Grupo de Pesquisa CAFE - Ciência, Arte, Formação e Ensino; Pesquisador do grupo de pesquisa Práticas, Tecnologia Digital e Inclusão na Educação de Jovens e Adultos; Experiência em Matemática, Ensino de Matemática e Contabilidade.

